

O CAMINHO PARA UMA ESPIRITUALIDADE INTER-RELIGIOSA

“É que Narciso acha feio o que não é espelho”

(Caetano Veloso)¹

Gerson Lourenço Pereira²

Introdução

Por que Narciso é assim? Porque ser assim é uma tendência humana imediata quando diante do outro. Em suas peculiaridades distintas das nossas, o próximo tende a provocar-nos estranhamento, despertar suspeitas e a suscitar desconfianças no coração.

Nos habituamos conosco mesmos como referenciais, como a medida para entender o mundo, o critério de julgamento da realidade. Típico comportamento que se reflete também na religiosidade que abraçamos e praticamos. Dessa forma, a aproximação, o diálogo e a empatia são postos como desafios, uma vez considerando o convívio da humanidade como elemento vital, sendo a convivência em meio à diversidade uma arte a ser aprendida e apreendida!

Nosso ponto de partida consiste precisamente nesta constatação: O convívio de todo gênero humano é necessário. A convivência é a arte desenvolvida, aprendida e inspirada pelo sopro de uma realidade inefável, misteriosa, que indica a convergência da humanidade à comunhão na casa comum (*oikoumene*), sob uma nova *oikonomos*, uma nova economia baseada em princípios harmoniosos que ordenam tal convivência.

Hans Küng afirma que:

A vida humana em sociedade é impossível sem um *ethos* mundial entre as nações; é impossível haver paz entre as nações sem paz entre as religiões; é impossível haver paz entre as religiões sem diálogo entre as religiões.³

Bem mais que diálogo interinstitucional, a proposta de Küng aponta para um caminho que começa na superfície experiencial dos sistemas de crença, rumo a um nível mais profundo de comunhão inspirada por uma espiritualidade inter-religiosa.

¹ VELOSO, C. *Sampa*. In: *Muito* (dentro da estrela azulada). Philips. 1978. LP. Lado 2: faixa 2.

² Doutor em Teologia pela PUC-Rio, membro da Igreja Metodista, Professor de Ensino Religioso da Rede Pública, Professor de Teologia e disciplinas na área Pastoral e História da Igreja do Seminário Metodista César Dacorso Filho. Integrante do grupo de pesquisa Moradas, PUC-Rio.

³ KÜNG, H. *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo, 1993. P.241.

É a respeito deste caminho, gerador de um novo *ethos*, que discorreremos aqui neste artigo. Primeiramente será necessário refletir acerca do que conceitualmente seja espiritualidade, para a seguir compreendermos sua classificação especificamente inter-religiosa e as direções que ela indica.

1. Definindo espiritualidade

Antes de uma conceituação privativa ao universo religioso, a espiritualidade pode ser compreendida em perspectiva antropológica. Provém da experiência mística, ou seja, do encontro com um mistério profundo (vinculado ou não a um sistema de crenças) que, segundo Leonardo Boff, extrapola a qualquer formulação doutrinária ou tentativa de racionalização sistemática, provado sensorialmente no “corpo, na alma, no espírito”.⁴

Sendo encantado pelo Mistério, o ser humano busca nutrir seus anseios de transcendência, superando a finitude de sua existência. Esse encantamento que deslumbra e fascina, motiva a busca pelos traços da presença divina no coloquial, na trivialidade da vida, tanto quanto nos espaços simbólicos de experiência com essa presença, sendo a “expressão para designar a totalidade do ser humano enquanto energia, sentido e vitalidade... Significa viver segundo a dinâmica profunda da vida”.⁵

Rudolf Otto conceitua essa força misteriosa como *numinoso* (sagrado), que ao ser experimentado em seu aspecto “energético” desperta a *psique* para a vivacidade, paixão, natureza emotiva, vontade, força, comoção, excitação, atividade, gana.⁶

Partindo de tal conceituação, no que consistiria a espiritualidade inter-religiosa?

2. Espiritualidade inter-religiosa: o que é isto?

⁴ BETTO, F; BOFF, L. *Mística e Espiritualidade*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 27.

⁵ BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade: a emergência de um novo paradigma*. São Paulo: Ática, 1993. P. 139.

⁶ OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007. P. 55. Tais termos concernem, segundo a concepção de Otto, ao aspecto criativo da experiência mística sobre o espírito humano, despertando as motivações existenciais à sua natureza nessas categorias.

A experiência sensorial/fascinante com o *numinoso*, a realidade misteriosa, nomeada como experiência mística, seria o equivalente à afirmação de Jürgen Moltmann: “toda a vida que se vive é tomada pela força vital de Deus e vivida diante de Deus, porque vive a partir de Deus”.⁷

A concepção de uma espiritualidade inter-religiosa está atrelada à procedência nas experiências místicas não categoriais, para além das mediações conceituais que diversificam os predicados da realidade misteriosa⁸. A palavra “Deus” seria mais um vocábulo de designação dentre tantos como *Olorum*, *Vishnu*, *Tupã*.

Embora cada tradição particularize a forma de nomear essa realidade do Mistério (Sagrado), gerando o distanciamento e dissenso inter-religioso; paradoxalmente uma aproximação poderá ocorrer na medida em que se avança em um nível relacional maior. Que nível seria esse?

Thomas Merton⁹ e Paul Tillich¹⁰ classificaram essa aproximação como comunicação feita em profundidade, identificada por Faustino Teixeira como potencializadora de um profícuo e enriquecedor diálogo. A experiência mística provoca necessariamente um aprofundamento de si, um despojamento e desapego que impulsionam o sujeito para a dinâmica da alteridade. Não é fácil atingir um tal desapego. Trata-se de um processo lento, complexo e permanente, que faz brotar uma atitude de abertura.¹¹

Decorrente desse envolvimento com o mistério em profundidade, o humano em seu âmago é marcado por uma experiência que lhe dispõe à abertura para o diálogo, por promover a autocompreensão como ser de finitude, diante da mesma força vital, que o assemelha a outros inseridos em universos culturais e religiosos distintos.

Será a mesma experiência de acolhimento pelo mistério que poderá reverberar na acolhida despojada do seu semelhante em sua alteridade. Algo que transcenderá a objetividade dos dogmas

⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002. P.87.

⁸ CABRAL, Alexandre Marques. *Fenomenologia da experiência mística: mística, anti-metafísica e existência à luz de Mestre Eckart e do zen budismo*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016. P.31.

⁹ MERTON, T. *O diário da Ásia*. Belo Horizonte, Veja, 1978.

¹⁰ TILLICH, P. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

¹¹ TEIXEIRA, Faustino. *O desafio da mística comparada*. In: TEIXEIRA, Faustino. *No limiar do mistério: mística e religião*. São Paulo: Paulinas, 2004. P. 21

particulares, vislumbrando-os como vias que culminarão ao mesmo ponto vital, nunca como os senões de distinção.

Nesse ponto, utilizando-nos de uma categoria pensada por Raimon Panikkar, podemos observar um passo a mais em direção à comunhão. Segundo ele, o diálogo **inter-religioso** se move no plano intelectual, da crença enquanto fórmulas dogmaticamente constituídas. Comungo aqui com sua proposta de ir além, estendendo esse diálogo ao **intra-religioso**, sendo uma forma de intercomunicação interior e aberta ao outro, capaz de atingir a dimensão profunda da fé.¹²

Sendo assim, quais direções apontariam a espiritualidade inter(intra)-religiosa, fomentada em profundidade?

3. O caminho proposto pela espiritualidade inter-religiosa

“É caminhando que se faz o caminho”.¹³ Melhor ainda, rememorando os passos dos místicos podemos encontrar a direção para o desenvolvimento dessa espiritualidade.

O poeta Cacaso afirmou em seu poema *Trago comigo* que “toda felicidade é memória e projeto”.¹⁴ Mas, o que é memória? Não é mera recordação, daquelas registradas em álbuns de fotografia, guardados e esquecidos nas gavetas; ou congelada como um monumento que pretende engessar um acontecimento, trazendo simplesmente suspiros nostálgicos.

Memória, a que traz felicidade, consiste na lembrança dos fatos ocorridos, mas sem nostalgia suspirante e paralisante, sendo antes a retomada de fôlego inspirador que impulsiona novos projetos. Rememorar é olhar para trás, assumir o caminho a frente e atualizar as ações no tempo presente com a perspectiva da construção de uma nova realidade.

Três inspirações, cujo legado rememorado ilumina o caminho no qual se desenvolve a espiritualidade inter-religiosa, podem ser retomadas e apreendidas a partir da tradição cristã: Santa Teresa D’Ávila, Dietrich Bonhoeffer e Aloysius Pieris.

Santa Teresa D’Ávila (1515-1582), reconhecida como Doutora da Igreja em 1970, sob o Pontificado de Paulo VI, dispõe de uma proposta

¹² PANIKKAR, R. *Il dialogo intrareligioso*. Assisi: Cittadella, 2001.

¹³ TITÃS. *Enquanto houver sol*. In: *Como Estão Vocês*, Warner, 2003.

¹⁴ CACASO. *Trago comigo*. In: CACASO. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. P.108.

que ilumina o aprendizado para o diálogo e comunicação em profundidade a partir de determinadas virtudes. Trata-se de práticas arcanas, comuns às distintas tradições religiosas, muitas vezes embotadas pelos estigmas impostos pelos dissensos e conflitos históricos.

Noutro momento tive a oportunidade de refletir sobre o caminho que, espiritualmente, poderia ser trilhado com Santa Teresa de Jesus pavimentado pelas práticas da **oração, humildade e perdão** frente à pluralidade religiosa e diversidade eclesial que encontrei em *caminho de Perfeição*¹⁵. Um “caminho das pedras” que dependeria menos (ou em nada) de resoluções dogmáticas, tampouco de autorizações eclesásticas para ser seguido.

Não sendo possível discorrer com detalhes tal reflexão, bastando aqui retomar como aporte a sede comum do mistério, saciada na **oração** pessoal e comunitária, interpelando o coração para a experiência da **kénosis** nas relações comuniais¹⁶, promovendo o decaimento do orgulho e da soberba que conduzem ao **perdão**, à **reconciliação** e à **comunhão**. Luzeiros que clareiam e aquecem o diálogo inter(intra)-religioso.

Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), pastor e teólogo luterano alemão, co-fundador da Igreja Confessante, opositor ao Regime Nazista, participante da resistência alemã e mártir do Cristianismo contemporâneo por conta do seu envolvimento na luta contra o totalitarismo de Adolf Hitler, é outra inspiração singular. Sua espiritualidade provém da experiência mística profética de anúncio, denúncia e engajamento que extrapola os limites de determinada confissão religiosa, sendo a motivação existencial de todo humanista militante. Sob o ponto de vista antropológico, tratar-se-ia da força vital que impulsiona o humano a atitudes éticas radicais, inspiradora do aforismo de Leonardo Boff e Frei Betto: “todo militante é místico e todo místico é militante”.¹⁷

Dialogando com outras tradições, a experiência mística militante de Bonhoeffer é marcada pelo **engajamento** na ação frente à concretude

¹⁵ Cf. PEREIRA, Gerson Lourenço. “Luzes da espiritualidade teresiana para o diálogo ecumênico e inter-religioso atual”. In: PEDROSA PÁDUA, Lúcia; CAMPOS, Mônica Baptista (orgs.). *Santa Teresa: mística para o nosso tempo*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/ Reflexão, 2011, pp. 203-225.

¹⁶ Expressão que retomo para designar as experiências comunitárias da fé. Cf. PEREIRA, G.L. *Espiritualidade militante: inspirações da mística de Dietrich Bonhoeffer para a práxis social e política inter-religiosa*. In: Anais do 32º Congresso Internacional da SOTER. Belo Horizonte: SOTER, 2019. P.656-662.

¹⁷ BETTO, F; BOFF, L. *Mística e Espiritualidade*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

do real, apontando para a direção de uma espiritualidade que encontra o sentido na submersão na realidade, provocando a sua subversão. Tal como Gandhi, Thomas Merton, Dalai Lama, Luther King, sua experiência particular, além de inspiradora é mobilizadora, uma vez que se manifesta coletivamente na identificação do Mistério na comunidade. A ação individual corresponde a atuação de todos. O envolvimento pessoal na realidade é o engajamento de todos.

O **engajamento** na realidade concreta dessa espiritualidade conduz à inevitável **entrega**, ao **martírio**. Bonhoeffer foi enforcado no dia 09 de abril de 1945. A perspectiva **martirial**, posicionada em diálogo, é fonte para superação do medo e elemento motivador para a radicalidade do compromisso pelas causas humanitárias e justas. Curiosamente, o que assemelha os/as humanistas quase sempre é o martírio como resultado da sua militância. Um significativo ensinamento espiritual de Bonhoeffer é a confiança como resistência, mesmo diante do fim iminente.¹⁸

Finalmente, Aloysius Pieris (1934-), cingalês, teólogo e sacerdote jesuíta, é um proponente do diálogo inter-religioso em perspectiva comunitária, relacional. Diferente de Santa Teresa e Bonhoeffer, Pieris tematiza objetivamente o diálogo inter-religioso em sua construção teológica, sinalizando-o em sua *práxis* pastoral.

Sendo sua reflexão construída pela interpelação da *teologia da libertação* no continente asiático com a *teologia das religiões*, Pieris parte da escuta dos pobres de matrizes religiosas distintas (*terceiro magistério*), submersos nos contextos socioeconômicos e culturais injustos e desiguais. Tal escuta impulsiona a espiritualidade libertadora, geradora dos espaços de encontro e partilha denominados de *comunidades humanas de base*.

Pessoas de distintas espiritualidades e identidades religiosas experimentam a convivência pela aproximação, relação e interação. Partindo da realidade comum marcada pela desigualdade, permitem-se promover a comunhão transformadora da realidade pelo sincretismo, síntese e simbiose religiosa no confronto e encontro de fé. Poderíamos adjetivar essa espiritualidade, portanto, como uma espiritualidade da **comunhão inter-religiosa na concretude**.¹⁹

¹⁸ PEREIRA, G.L. *Espiritualidade militante*. Pp.656-662.

¹⁹ PIERIS, A. *Viver e arriscar: estudos inter-religiosos comparativos a partir de uma perspectiva asiática*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2008.

Mesmo que distanciados temporal e geograficamente, as particularidades das experiências teresiana, bonhoefferiana e de Pieris convergem para o mesmo cerne profundo do envolvimento místico pelos ensinamentos relacionados à prática orante, observância da humildade, iniciativa para o perdão, engajamento, martírio e promoção da comunhão inter(intra)-religiosa.

Conclusão

A espiritualidade inter-religiosa lembra a Narciso que no espelho cabem outras imagens, outras identidades admiráveis.... Na verdade, que a realidade é um mosaico marcado pela heterogeneidade, pela diversidade.

Sendo um, entre tantos; Narciso é também um com tantos outros!

Questões:

1. Considerando os dois axiomas de Hans Küng, “é impossível haver paz entre as nações sem paz entre as religiões; é impossível haver paz entre as religiões sem o diálogo entre as religiões”; quais caminhos poderiam ser observados para alcançar a paz mundial pelo diálogo inter-religioso?
2. Como você buscaria uma experiência de diálogo intra-religioso, ou seja, comunicando-se em profundidade com pessoas de orientações e identidades religiosas distintas da sua tradição? Caso você não pertença a alguma tradição religiosa, seria possível uma experiência tal qual sinalizada neste texto?
3. Tolerância e respeito entre as religiões no Brasil ainda não são realidades plenamente concretas. Quais as raízes dessa intolerância? Como superá-la? A comunicação inter-religiosa em profundidade possibilitaria essa superação? De que forma?

Referências

- BETTO, F; BOFF, L. *Mística e Espiritualidade*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BOFF, L. *Ecologia, mundialização, espiritualidade: a emergência de um novo paradigma*. São Paulo: Ática, 1993.

CABRAL, A. M. *Fenomenologia da experiência mística: mística, anti-metafísica e existência à luz de Mestre Eckart e do zen budismo*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016.

CACASO. *Trago comigo*. In: CACASO. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. P.108.

KÜNG, H. *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo, 1993.

MERTON, T. *O diário da Ásia*. Belo Horizonte, Veja, 1978.

MOLTMANN, J. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.

OTTO, R. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PANIKKAR, R. *Il dialogo intrareligioso*. Assisi: Cittadella, 2001.

PEDROSA PÁDUA, L.; CAMPOS, M. B. (orgs.). *Santa Teresa: mística para o nosso tempo*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/ Reflexão, 2011.

PEREIRA, G.L. *Espiritualidade militante: inspirações da mística de Dietrich Bonhoeffer para a práxis social e política inter-religiosa*. In: Anais do 32º Congresso Internacional da SOTER. Belo Horizonte: SOTER, 2019. P.656-662.

PIERIS, A. *Viver e arriscar: estudos inter-religiosos comparativos a partir de uma perspectiva asiática*. São Bernardo do Campo: Nh: Nhanduti, 2008.

TEIXEIRA, F. *No limiar do mistério: mística e religião*. São Paulo: Paulinas, 2004.

TILLICH, P. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

TITÃS. *Enquanto houver sol*. In: *Como Estão Vocês*, Warner, 2003.

VELOSO, C. *Sampa*. In: *Muito (dentro da estrela azulada)*. Philips. 1978. LP. Lado 2: faixa 2.